

**FUTURANÁLISE: SOBRE A COMPETÊNCIA DOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO PARA COMPREENDER AS CRISES SOCIAIS**

**THOMAS A. BAUER / VIENA**

**Palestra em Unisantos, Universidade Católica de Santos, Brasil  
24.8.03**

**RESUMO**

A idéia principal do presente trabalho é enriquecer a área das ciências humanas e estudos das ciências sociais com uma abordagem até agora negligenciada – a perspectiva do futuro. Os estudos e o conhecimento precisam estar conectados (numa rede) teórica e metodológica, simultaneamente. Mais adiante, a perspectiva do futuro precisa ser liberada da sobrecarga tecnológica e sócio-técnica e aberta à elaboração de tarefas culturais (culturologia). É considerado que tanto a perspectiva do conhecimento quanto da consciência precisam ser explicados numa rede inter-disciplinária, multi-metodológica e complexo-teórica. Aqui é introduzido o conceito da **FUTURANÁLISE** cuja principal objetivo é integrar-se a um currículo existente (dentro da área de cultura, mídia e ciência da comunicação) de uma maneira que permita um desenvolvimento dessas outras disciplinas.

**Palavras-chave: Futuranálise, Comunicação, Mídia**

**ABSTRACT**

The main idea of the present paper is to enrich the humanities and the social studies with an up till now neglected future perspective. At the same time the studies and sciences should be connected (networking) theoretically and methodologically under this future perspective. Furthermore, the future perspective should be liberated from the technological and socio-technical overload and opened for the elaboration of cultural (culturology) problem tasks. One consideration is that such knowledge and consciousness perspective must

be explained in an interdisciplinary, multi-methodological and complex-theoretical framework. Here should be introduced the concept of **FUTUREANALYSIS** which the main goal is to integrate itself into the existing curriculum (culture, media and communication sciences) in a way, which enables a development of other disciplines.

**Keywords: Futureanalysis, Communication, Media**

## INTRODUÇÃO

Uma ciência da comunicação sócio-teoricamente posicionada se ocupa dos problemas propostos e suas soluções, com as possibilidades e também os com riscos da distribuição da sociabilidade e das condições da agregação de diferenças, das contradições e combinações no mundo dos significados. Se for visto aí a função social da ciência da comunicação, então é preciso que se desenvolva a partir de crises culturoológicas, a ciência da intervenção e da prevenção, então não se pode usar para testar a competência teórica, metódica e prática do futuro - uma visão da ciência da comunicação, sob o ponto de vista que há tempos se adota, baseado em re-escrituras desajeitadas como "mídia e/ou comunicação social".

O futuro tem a ver com a comunicação. É não somente uma categoria técnico-pragmático, mas também e sobretudo uma categoria sócio-cultural no transcorrer da vida. Há que se fazer uso do dos valores comunicativos nas expectativas cotidianas e em seu devido alcance. Seu material é a comunicação e da interação. Ele é uma construção, que as concepções de mundo entre a imaginação e a experiência onde – de um lado está a análise do que se presume e a prática preventiva. Do outro lado, a teoria organizada metódica e estrategicamente. No contexto da culturologia, o futuro da ciência da comunicação é uma categoria (negociada comunicativamente) de compreensão aproximadamente do analisar o horizonte do tempo (interpretação/significado) da experiência e do conhecimento. Codificando a presença do presente esse método contribui para o futuro no sentido inverso à ação do presente (interpretação/significado) organizada (e distribuído) socialmente. Uma análise futuroológica é no contexto científico-comunicativo nada mais do que um método qualificado para uma interpretação teórico-comunicativa de textos e discursos culturais a respeito de seus esboços sociais implícitos e de sua praxiologia (estudos futuros, não: Ciências Futuras).

Nesse sentido a **FUTURANÁLISE** traz de maneira crítica à discussão das perspectivas futuras da sociedade da comunicação e de uma comunicação da

sociedade, ou a fim dizê-lo diferentemente: traz à discussão científico-comunicativa (discurso-teórica) das perspectivas futuras socialmente relevantes, naquelas onde está a pergunta do futuro da comunicação (e de suas mídias) é sempre relevante. A **FUTURANÁLISE** é no contexto da comunicação e da ciência midiática – em suma, o estudo da comunicação do futuro e o futuro no estudo das comunicações.

## O DESAFIO DOS DESENVOLVIMENTOS SOCIAIS

O mundo da comunicação social tornou-se precipitadamente mais complexo nas últimas décadas. A política e a economia não podem, a longo prazo, ser simplesmente estratégias negociadas por meio de operações homolaterais ou pela complexidade estratégica entre os vários centros do poder (político, econômico, publicitário) e serem arranjadas de tal maneira em torno de uma determinada direção predominante. Os cidadãos mais amadurecidos estão cada vez mais insatisfeitos com a trivial conversa banalizada. O sistema estetizado divide tênues linhas entre a política e a manutenção de poder, daqueles que submeteram a programação da mídia com o acordo discreto com os sistemas dominantes da cultura dos fatores receptores com a intenção implícita de uma aceitação sem ruídos das ordens sociais semi-concebidas pela mídia. A política transforma-se cada vez mais num tópico da manutenção (como por exemplo reportagens contínuas sobre guerra), Os programas de manutenção descobrem cada vez mais o seu efeito político (como por exemplo os chamados *talk shows*). A distribuição comunicativa da sociabilidade e do poder imbuí-se sempre menos com as estruturas estabelecidas da distribuição. Sistemas estáveis e tranquilos são postos em movimento, ou melhor – eles vêm a si mesmo confrontados com o desafio (cultural e heterarquicamente gerado), para assegurar no movimento (que também é chamado uniformemente – sob as circunstâncias de uma comunicação aberta) o seu papel de existência na relevância social.

O desenvolvimento estrutural dos meios tem um papel crucial durante esse processo. Ele é o agente da observação ativa e produtiva da sociedade. Representa a sociedade, isso é - suas relações comunicativas e movimentos. Nos meios (em movimento contínuo, de fato), a cultura encontra uma incorporação estrutural. Dois de muitos desenvolvimentos exemplares nessa conexão podem ser mencionados aqui, são eles a **Internet** e a **Convergência**.

1. A Internet desenvolve-se de maneira incomum e à luz da ordem dos meios de comunicação de massa como padrão de amostra da distribuição e da troca das interpretações individuais do mundo, e estabelece por esse caminho uma conexão das uniões sociais, que até agora se encontravam transversalmente delimitadas – de maneira social, cultural ou nacionalmente. Tornada assim sem muito ônus ritual (simbolização pública do poder) e sem maiores custos sócio-formais (declaração pública da afiliação) e transversais às áreas sociais homogeneizadas pela referência dos modelos heterárquicos da ordem social, orientações culturais e sociais, além da ausência de custos sociais e – mais uma vez - sem gastos rituais a serem feitos. As mudanças e os movimentos do sistema ocorrem então pelo menos de três maneiras:

- na parceria do tempo,
- na parceria do espaço e
- na parceria das relações temáticas.

Não somente, as amostras da distribuição mudam, mas também a distribuição social. Construções culturais tais como ordens de tempo, o planejamento e as relações de espaço requisitam também índices dos interesses da ordem social. O tempo, o espaço e as relações mudam seu significado por meio tanto do tratamento diferenciado (relativamente por um período ilimitado e dentro da ordem situativa) como do tratamento usado (relativamente por meio dos limites e da ordem ajustada) circundante. Os ganhos de tempo tornam-se virtuais, As referências ao espaço tornam-se onipresentes, os ganhos sociais tornam-se

reversíveis. Os papéis e os modelos emergem enquanto meras construções abstratas de alguém no controle mental da sociedade - a crítica da mimesis das teorias de ação na sociologia e em sua concepção do modelo, da identidade, da subjetividade.

Até agora centros considerados (políticos, econômicos, culturais) de fato, vêm-se em subitamente competição com epicentros desfocados do poder. As hierarquias perdem seus destinatários, as amostras do situativo e temporário da distribuição heterárquica e mobilização da participação desenvolvem padrões heterárquicos das comunidades e modelos civil-sociais aparecem desta maneira, por meio da cooperação, subsidiaridade e solidariedade.

2. O fenômeno da **Convergência** não permanece somente técnico também não limitado somente à tecnologia. O fenômeno - e suas estruturas que complementam a si mesmas, substituem-se e desenvolvem por meio de modelos simbióticos ou emergentes, não é somente técnico, mas também relevante do ponto de vista do conteúdo. Nessa conexão, os multimeios não devem ser uniformemente considerados somente como o desenvolvimento técnico, mas (também) como criatividade e produtividade cultural. As soluções multimediais (sempre em conexão com os costumes) são ao mesmo tempo também construções multi-estéticas em um dos polisêmicos que ocupam o mundo. No conhecimento em torno da construtividade e da comunicabilidade o mundo (criativo) faz sentido a desconstrução e também conversão de conteúdos. Por isso, o desenvolvimento de críticas de circunstâncias existentes tornam-se não somente essenciais, mas também é importante a avaliação crítica de mundos esquecidos que ainda podem vir a ser compreendidos. Somente o fenômeno da convergência é o desafio emancipativo real para a mídia literal e para a autoridade midiática. Toda diferença e até então (convergência) no contexto dos fatores dominantes requisita os modelos produzidos da indicação requeridos, a fim de compreendê-lo criticamente, sem essa autoridade, melhor na compensação sócio-técnica aprendendo e

repetindo a prática socializada. Os processos da convergência entretanto exigem mais, exigem a prática social, o uso mídio-social. (BAUER, 2000:47)

## A CRISE COMO O PRINCÍPIO PRODUTIVO

Neste - muito demasiado áspero aqui esboçado rascunho - dois momentos ganham impulso para acelerar o desenvolvimento da sociedade, que numa relação reflexiva estão frente a frente, no significado: **comunicação** e **crise**. As mudanças dirigidas da sociedade devem ser feitas com base na razão dos desenvolvimentos naturais de uma comunicação, se a sociedade for aceita como não diferente de uma percepção comunicativa das relações, assim na perspectiva do mundo (sócio-cultural) de uma comunicação compreendida no sentido relacional e do significado relatado. Uma comunicação é sempre relacional, sempre midiática e torna-se por aquele, o que significa, a fim mudar outra vez, o que significa. O sentido é fluído como a comunicação, que a ele compreende.

A partir do ponto em que a sociedade está descrita enquanto uma cláusula relativa da comunicação e da comunicação estar descrita como relações da experiência social (da sociedade), uma (sociedade) não pode ser apreendida conceitualmente sem a outra (comunicação) sem que grandes conceitos sejam apropriadamente decididos. Ao mesmo tempo em que cada versão conceitual ou teórica de ambas é somente um reparo simbólico de hesitação e de crise, e deve conseqüentemente ser avaliado por meio de uniões sócio-integrativas (sociedade) como a força para uma comunicação sócio-integrativa, como uma realização cultural dos seres humanos e não do que se há a fazer com referência à trivial à necessidade (natural) simples. A comunicação e a sociedade são realizações culturais, duráveis somente em movimento, e não na simples repetição de sua suposta natureza, mas somente por sua constante recuperação (renovação como reproduções miméticas do princípio de ação).

Enquanto **a comunicação** é como um dispositivo da sociedade que é em nada diferente (nada pode ser diferente) do que o movimento no contexto das relações (a indicação pode ser a mesma para a crise – ela não possui uma existência estrutural – ela existe por sua materialização na mídia), é isso o que nós prendemos finalmente definir estruturalmente como uma sociedade, é naturalmente também sempre desafiada pelo próprio princípio de sua existência, **a crise**.

Para discutir ainda que desnecessariamente essa conexão, o conceito de crise não gostaria de estar frequentemente associado à negação da dor, mas ele não pode também ser reduzido simplesmente a essa proposição. Com o conceito de crise, a experiência da decisão constantemente exigida é descrita em um mundo da polissemia. Cada comunicação dá à sociedade um mimetismo reproduzido, simbolicamente significando um círculo em torno de cada mimetismo social causado pela experiência de uma reprodução de demandas comunicativas dos testes da ação padronizada. Em cada caso há uma decisão cultural ou sua repetição produtiva.

A crise, o princípio do movimento da comunicação e da sociedade, tematiza a si mesma - entretanto sob circunstâncias básicas concretas e estruturalmente objetivadas (realizáveis) na cabeça e sobretudo onde as ordens regulam a distribuição da sociabilidade no interesse dos grupos dominantes, uma comunicação (monossemia), concentrada aqui levando conta de problemas dramáticos e traumáticos. As crises desenvolvem então um processo dramático, se os significados estabelecidos socialmente (culturalmente) por causa das possibilidades de interpretação não virem a ser qualificados. Tais possibilidades de solução exigem a crise no seu estado dramático, frequentemente com uma energia de pânico/choque. O sentido da liberdade de movimento da comunicação deve ser trazido para a discussão com suas variações (diferença). Onde tais erros (energia caótica) não se tornam qualificados, onde é feita a autenticação da existência pelo seu questionar (crítico) e deve conseqüentemente ser levado em conta (o apelo dramático e/ou problemático)

para sair da crise. A crise é um fator da comunicação produtiva. Provoca querência do sentido.

## DISCURSOS COMO EXEMPLOS DA ORDEM DO TEMPO E DO ESPAÇO

Naturalmente uma comunicação social se baseia em estruturas simbólicas, técnicas e organizacionais. Elas são uma espécie de via fluida entrelaçada, onde distribuem-se o fluxo de significados para a construção da paisagem social. Desprovidos de infra-estrutura são os modelos de conexão de uma comunicação social sem mantê-los ou analisá-los. Eles distribuem a sociabilidade, tomando parte e deixando fazer parte das diferentes interpretações da experiência subjetiva. Ao mesmo tempo eles suprem por meio de *cross-linkings* que vão dar formato a áreas toponicamente definidas. As fronteiras das massas de compreensibilidade e da controlabilidade desenvolvem-se complexamente através dos sentidos e também socialmente. Dentro dessas fronteiras construcionais formam-se rotas e rotinas das redes de significados e constituem-se no curso das ordens do uso, que nada mais são do que o controle do controle. Todas as possíveis conexões da discussão são compreensíveis nesse sentido do discurso. Nem tudo pode ser dito em todos os discursos de qualquer maneira e por qualquer pessoa. Os discursos constroem a realidade e esta compreendida (é equivalentemente controlada). Pelo menos se concerne o desejo de poder ou o poder de indicação, geralmente no entanto diz respeito ao poder real.

Os discursos são vistos como espaços sociais com estrutura interna para a distribuição de poder entre si, mas também com relação antagônica a coisas/objetos, onde discurso é compreendido. As coisas (experiências) não têm a ordem (posição, significado, relacionabilidade com outros significados) realmente, o que lhes é dado pelo discurso. O que as "coisas" são ou o que

significam, são controladas de tal maneira que os procedimentos sociais de designação, são possíveis numa comunicação de maneira que é limitado o número (complexidade), de ordens existentes a serem confirmadas por ele de maneira não irritante. Que procedimentos do controle poderiam desse modo existir, analisa Michel Foucault de maneira impressionante em *A ordem do discurso*. Ele descreve, como o discurso controla a ele mesmo, de maneira a não se degenerar numa eventualidade ou numa arbitrariedade: a classificação, o arranjo, a distribuição e a ausência são os procedimentos que por meio de comentários, autorizações e do uso da disciplina podem torná-lo possível. Por meio desses procedimentos os discursos são mantidos nas fronteiras do tempo e do espaço .

Assim como o espaço, o tempo também é uma definição social fronteira. Assim como o espaço, o tempo também é uma racionalização na busca de uma orientação por um mundo relacional de significados possíveis. O espaço e o tempo são figurações relacionais (códigos) para estruturar o *ego* e o *alter* numa esquematização do agora e do então pela proximidade e pela distância.

O futuro é nessa compreensão nada mais do que foi expressado para o tempo, o nome para o incompleto (discursivamente controlado) por meio da experiência ainda não vivenciada. Representa conceitualmente uma construção relacional do desenvolvimento, da possibilidade e probabilidade. No ponto de vista construcional do tempo só pode ser futuro, que também possivelmente é passado ou presente. No presente somente pode ser, o que também é possivelmente o futuro. O futuro é um modelo de ordem significacional tal como o presente também o é. Nesse modelo, o futuro não é nenhuma invenção, não é coincidente, embora possa sempre falhar como o inesperado. Ele não nasce a partir de uma instância humana, embora represente até agora uma dimensão não considerada e conseqüentemente não compreendida.

O desafio para a ciência da comunicação é óbvio: o tema futuro é sempre atual e ao mesmo tempo sempre histórico. A expectativa é que ele, experimente o que foi vivenciado e como se faz a história, porque ele também do passado tira sua forma e interpretação. Conseqüentemente não pode ser a tarefa da **FUTURANÁLISE** organizar os discursos atuais em determinados objetivos. A **FUTURANÁLISE** é uma observação da terceira ordem: ela observa no sentido metódico (da hermenêutica) das inclusões (de significados) observados nos discursos sociais dos seres humanos, envolvidos na própria experiência.

Aqui temos em mente a crise deve e sobretudo é preciso que se dê a atenção a ela, como como os discursos (i.e. temas tais como a saúde, religião, ambiente, pobreza e riqueza, fome etc) se agenciam com noções de tempo e sentido, que eles possivelmente esconde ou ludibria. Os discursos são nesse sentido ao mesmo tempo postos em perigo e perigosos, são onde os diálogos falham, onde a compreensão contraditória falha como referência crítica, porque são percebidas como. Isso se passa em um mundo midiático que trabalha em complacência com um fator estrutural implementado pela crise. Discursos, especialmente os discursos midiáticos organizam não somente o conhecimento, mas também a ignorância, a negação, a cegueira, o silêncio público e confidencial, a estupidez oficial e pública. Os discursos suprimem, retocam, desconhecem, renegam. Nada do entretanto deve ser considerado como desumano. O que sempre é pretendido com a comunicação é a maneira humana de lidar com a incerteza e com a hesitação em relação à verdade suposta. O lugar (Topos) desta experiência é uma comunicação na forma do diálogo e do discurso. Se o discurso descreve uma visão reflexiva dos seres humanos e assim revela o óbvio humano, a análise do discurso é a busca interpretativa daqueles lugares (sociais), em que humano acontece: a busca perdida dos seres humanos por si mesmos na história, no presente e no futuro.

Nesta conexão fica mais uma vez bem claro que a ciência da comunicação tem sua autoridade crítica e competência comunicativa (particularmente por meio de modelos causais objetivamente teóricos) na organização teórico-pragmática do (discurso -) de estruturas investidas na empatia hermenêutica do cotidiano. Nessa conexão está mais uma vez a probabilidade durável de refletir que reside no conhecimento implícito e geralmente não trabalhado (desordenado). Isso representa a interpretação cotidiana e referencia conexões não somente em flutuadores estruturais, mas também na formulação de esboços apologéticos, gestos hesitantes ou indicações silenciosas. Os discursos obtêm não somente conhecimento explícito, mas também conhecimento implícito, embora é preciso salientar que também é por meio desses procedimentos que as idéias são rejeitadas, objetivos são perdidos ou experiências esquecidas .

#### A FUTURANÁLISE NO CONTEXTO DA CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO

Se forem seguidas as considerações esboçadas acima sobre a crise e o discurso e o seu entrelaçamento, então é óbvio, que o tema futuro e não somente o futurístico (história natural, atualização evolucionista das observações regulares do futuro) ou a futurologia (fenomenologicamente a previsão de fenômenos na crise da interação de tecnologia justificada, economia, sociedade) tomam parte desse processo. A análise social e científico-cultural das perguntas futuras necessita a a complexidade implícita e aberta da geração de significados sociais obrigatória (cultura da comunicação) conforme um pensamento complexo que pensa o modelo teórico, essa fluidez e a dinâmica do futuro podem ilustrar conceitual e metodicamente como se constitui a matriz social do sentido. Isso seria somente um modelo que focaliza uma comunicação (conjunto de diferentes decisões do sentido pela distribuição da experiência social).

Tem-se agora a complexidade interna bem como externa do tema futuro que determina o tempo dos elementos, movimento, experiência, sentido e sociedade uma vez focalizados e compreendidos em tal tópico (a comunicação), isso pode ser descoberto no relacionamento de um fator produtivo e criativo, o qual pode se chamar a crise (ou também o problema), para ser-lhe provado então a relevância social é, assim como a autoridade do conteúdo da ciência da comunicação na análise da concepção social de futuro naturalmente do ponto de vista científico. O seguinte contexto teórico, bem como os módulos metódicos teriam que ser concebidos numa ciência da comunicação pela **FUTURANÁLISE**: a concepção teórica da crise do princípio como a opção para a prática da comunicação-produtiva,

- concepções teóricas para a construção da experiência: teoria do caos, teorias sistêmicas, modelos da científicos da estratégia, evolução, desenvolvimento (como esboços para o sistematização e a classificação de noções de futuro teórico e pragmática)

- modelos críticos da interpretação de fenômenos sociais da crise (como a explanação para problemas da comunicação social e de suas soluções possíveis
- análise do discurso,

- Praxis de agir orientada ao futuro (eficácia, eficiência, sustentabilidade ) - como o modelo para a intervenção ativa em situações críticas da sociedade no sentido da intervenção terapêutica,

- métodos projeto da análise interpretiva e discursiva (como procedimentos participativos, naqueles que concernem aos envolvidos no processo),

- modelos qualitativos de análises preventivas dos discursos contemporâneo, a fim de que mostrem-se no tempo correto os dramas da crise (crises da dramatização).

## ANALISE O FUTURO: O FUTURO NÃO É UMA INVENÇÃO LIVRE

O futuro é como a matriz do sentido de agir - confiável social e cientificamente para compreender contextualmente e interpretar os resultados de leituras interdisciplinares obtidas. Em qualquer lugar (o) sentido não é posto de tal maneira como entre as crises. As crises são expressadas no lugar produtivo do comunicativo (topos) da decisão para modelos no sentido do sentido humano, expressado nas amostras miméticas de agir. As ações são (tornadas) significativas desse modo, para que ele utilize os modelos básicos obtidos culturalmente pela moral, estética e ganham (tanto interior como exteriormente) a reprodução do movimento. A maneira (individual) de agir produz ela mesma o sentido, no nível do símbolo com o habitat dos sentidos do meio ambiente social construído. Ações motivadas pela crise são criadas nesse sentido pela decisão e pelos esboços (e para lidar com o futuro) como um importante horizonte.

Se a crise for tomada como um dispositivo para a comunicação, ela também está voltada ao futuro. Exige uma decisão consensual, produtividade e criatividade. As crises dessa extensão são uma referência (não levadas a sério) às alternativas e um fenômeno da carga adicional de momentos críticos para a construção da importância criativa e produtiva estão dirigidos ao futuro. A crise e as crises são atribuições tempo-relacionais do sentido da experiência. Para ter se decidido ou ter se decidido algo no passado, conservado ou uma mudança de promessas que podem vir a ser realizadas (conversões de atitudes) no futuro.

O futuro é uma categoria senso-relevante do discurso. Ele tematiza a si mesmo como a tomada de tempo (interesse, precaução, medo, esperança, expectativa, hesitação) da significação também quanto à significação

(*Bedeutung*) e a interpretação (*Deutung*) do tempo. Essa concepção é um dos objetos da **FUTURANÁLISE**.

A **FUTURANÁLISE** é entretanto não somente um sistema para a análise (observação) dos discursos, ela é propriamente um discurso internacional. Ela quer tornar o tema futuro cientificamente relevante e também transformá-lo numa prática profissional bem como campo do trabalho. O discurso que a **FUTURANÁLISE** pretende trazer, é teórico-científico e não tão simples de discutir. Ele se move teórica e metodologicamente nas mãos da experiência e da intervenção, entre a verdade (*Warheit*) e a probabilidade (*Wahrscheinlischeit*). Porque de um lado está o campo de compreensão do futuro pela **FUTURANÁLISE**, indicada já, não como uma simples imagem ou uma mera repetição estratégica de passado, a construção mimética do sentido e experiência tem dessa maneira uma qualidade de agir provável (ainda) da improbabilidade. Por outro lado, o futuro não é uma invenção livre, mas uma decisão do meio ambiente sensório, impregnado da crise da ação e tem nesse sentido a qualidade de verdade comunicativa - de acordo com o conceito já indicado, o que também acaba por dissipar as utopias.

Então também vem à tona, quais as prioridades pensando num conceito que uma comunicação/ciência para a **FUTURANÁLISE**, quais as fronteiras a serem estabelecidas e quais as categorias críticas que serão ajustadas. Não deve se fazer maiores surpresas com essa conexão, se outra vez aqui é feita por meio da reprodução uma tentativa, que uma decisão tão seminal não pode ser feita levando em conta conceitos triviais da comunicação (teorias operacionais, teorias objetivas da comunicação) acontecida sabem. Se faz necessário a visibilidade de teorias universais e culturalmente conscientes que tragam a luz (já mencionado acima na discussão e devidamente ritualizado) a essas conexões. Teorias e os métodos teriam que ser muito mais freqüentemente consultados, para que os sistemas similares sejam desconstruídos, as conexões rotinizadas reguladas e que sejam suspensas as circunstâncias do stress de uma exposição mental desregulada. É nesse sentido intencionalmente que o discurso da **FUTURANÁLISE** vislumbra um lugar hipotético da ruptura inteligente

das regras. O que se pretende é não somente o efeito criativo, mas também a praticabilidade (autoria) da diferenciação do espírito.

Os campos de ação – em que tal ponto de vista é necessário para o desenvolvimento praticável das circunstâncias sociais não somente possíveis, mas também necessárias e exigidas de maneira prática é, há muitos deles sobretudo, onde uma comunicação precisa ser posta de forma aberta – seriam: o meio-ambiente, a saúde, a religião, a vida social coletiva, o trabalho, a educação, a economia durável, uma comunicação intercultural e transcultural, o desenvolvimento e trabalho de desenvolvimentos, deficientes físicos, criminalidade, paz, guerra, terror etc. Há sobretudo os tópicos transversais, muitos deles que foram até agora surpreendentemente pouco abordados na teoria da comunicação, na análise e no treinamento vocacional. O ajuste linear dos campos de ação profissional numa comunicação midiática (jornalismo, relações públicas, propaganda, marketing etc) esqueceu que o trabalho da comunicação significa possivelmente uma autoridade temática transversal e que o ajuste profissional se legitima ao aumentar o adequamento do processo midiático lógico. Isso deve conduzir à estratégia da realização profissional otimizada para o momento da seleção (procedimento de expulsão) dos desafios a serem provados e contradiz uma lógica (técnica). Focalizar a profissão no sentido social reconhece nesses campos de ação e de pergunta, como se pode no decorrer do tempo se adquirir e tomar parte repetidas vezes de tal maneira, esse as empreitadas humanas são também observadas como uma imagem desse talento sensorial, levado a sério e requerido para um modelo de autoridade e que não se encontram senão numa praxis social da comunicação.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah (1981): *Vita activa oder vom tätigen Leben*. München: Piper
- BAUDRILLARD, Jean (1990): *Das Jahr 2000 findet nicht statt*, Berlin: Merve
- BAUER, Thomas A. (2000): *Zukunft der Kommunikationswissenschaft - Kommunikationswissenschaft der Zukunft*. In: Medien Journal Wien 2/2000, S. 47 - 58
- \_\_\_\_\_ (2003): *Vom Strukturblick zum Kulturblick. Entwürfe zu einem Blende Theory-Modell*. In: Karmasin, Matthias / Winter, Carsten (eds.): *Kulturwissenschaft als Kommunikationswissenschaft. Projekte, Probleme und Perspektiven*. Wiesbaden, p.:127 - 167
- BECK, Ulrich (1986) *Risikogesellschaft*. Frankfurt /Main: suhrkamp
- BOURDIEU, Pierre (1979): *Entwurf einer Theorie der Praxis auf der ethnologischen Grundlage der kabyllischen Gesellschaft*. Frankfurt/M: suhrkamp (orig. 1972)
- \_\_\_\_\_ (1993): *Satz und Gegensatz. Über die Verantwortung des Intellektuellen*. Frankfurt: Fischer
- DELEUZE, Gilles (1992): *Differenz und Wiederholung*, München: Fink 1
- FEYERABEND, Paul K.(1976): *Wider den Methodenzwang. Skizze einer anarchistischen Erkenntnistheorie*. Frankfurt/M.: suhrkamp
- FLUSSER, Vilém (1997): *Nachgeschichte. Eine korrigierte Geschichtsschreibung*, Fischer, Frankfurt/M.: suhrkamp
- \_\_\_\_\_ (1998): *Kommunikologie*. Frankfurt :Fischer
- FOERSTER, Heinz .v. (1993): *Zukunft der Wahrnehmung: Wahrnehmung der Zukunft*. In: Foerster, Heinz .v.: *Wissen und Gewissen*. Frankfurt/M: suhrkamp
- FOUCAULT, Michel (1979): *Die Ordnung des Diskurses* . Frankfurt/M: Fischer (orig.: 1966)
- GERBAUER, Gunter / Wulf, Christoph (1998) *Spiel -Ritual- Geste. Mimetisches Handeln in der sozialen Welt*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt
- HORWARTH, D. (2003: *Discourse / Concepts in the Social Sciences*, Buckingham
- KROTZ, Friedrich (1999): *Individualisierungsthese und Internet*. In: Latzer, Michael / MAIER-RABLER, Ursula / Siegert, Gabriele / Steinmaurer, Thomas (eds): *Die Zukunft der Kommunikation. Phänomene und Trends in der Informationsgesellschaft*. Innsbruck-Wien: Studienverlag, p..367 - 365
- KROTZ, Friedrich: *Metaprozesse sozialen und kulturellen Wandels und die Medien* In: Medien Journal Wien, 1/2003, S. 7 - 19
- MAIER, Werner A. (1999): *Konvergenz*. In: Latzer, Michael / Maier-Rabler, Ursula / SIEGERT, Gabriele / Steinmaurer, Thomas (eds): *Die Zukunft der Kommunikation. Phänomene und Trends in der Informationsgesellschaft*. Innsbruck-Wien: Studienverlag,, p.. 29 - 42
- MÜNCH, Richard (1992): *Dialektik der Kommunikationsgesellschaft*. Frankfurt/M.: suhrkamp
- STEHR, Nico (2000): *Die Zerbrechlichkeit moderner Gesellschaften. Die Stagnation der Macht und die Chancen des Individuums*. Weilerswist: Velbrück

## **Futuranálise: a competência da mídia e dos estudos de comunicação para compreender as crises sociais**

### **O. Univ. Prof. Dr. Thomas A. Bauer, Universidade de Viena**

*O. Univ. Prof. Dr. Thomas A. Bauer é professor do departamento de mídia áudio-visual e cultura midiática do Instituto de Comunicação e Jornalismo da Universidade de Viena, Áustria. [thomas.bauer@univie.ac.at](mailto:thomas.bauer@univie.ac.at)*

Departamento de mídia audiovisual / cultura da mídia /  
Instituto de comunicação e estudos da mídia  
schopenhauerstraße 32, a- 1180 wien / áustria  
tel: +43 (0)1 4277-48335 (secretaria) / +43 (0)1 4277-48336 (pessoal.)  
fax: +43 (0)1 4277-48344  
celular: +43 (0)664 1036136  
e-mail: [thomas.bauer@univie.ac.at](mailto:thomas.bauer@univie.ac.at)  
<http://www.thomas.bauer.at.tf>  
<http://www.univie.ac.at/publizistik>

Tradução: José Rocha M. Filho